

VII

UMA MULHER QUE AMA

(Lc 7,36-50)

“**D**eus perdoa, eu não” não é só o ingênuo título de um filme, mas também a despudorada atitude que muitas vezes acompanha e envenena as relações do homem com os seus semelhantes. É necessário entrar na escola do único Mestre para aprender, seja também com fadiga, uma lição cuja aplicação na vida permanece sempre difícil, felizmente não impossível.

Um episódio que o Terceiro Evangelho possui de próprio torna-se o ponto de partida de nossa reflexão: uma pessoa condicionada por um julgamento gélido e intransigente dos homens será libertada e valorizada pelo julgamento benévolo de Jesus que, como sempre, prefere compadecer-se do presente e do futuro em vez de congelar-se no passado, objeto somente de recordação.

Existem diversas posições para observar um objeto: de frente, da direita, de lado, de dentro, de fora... e nenhuma ilumina todos os aspectos. Devendo escolher, procuramos aquela que valoriza ao máximo o objeto em questão. Existem outros modos de considerar um trecho evangélico e o título põe em relevo

a perspectiva escolhida. Aceitando o título habitual “a pecadora perdoada” dado a Lc 7,30-50 acolhe-se, ainda que inconscientemente, a negatividade do sujeito (pecadora) e a sua passividade (perdoada). Preferimos uma perspectiva mais luminosa, ajudando o leitor a acolher o dinamismo vital que Jesus preparou com aquele encontro. Intitulando “uma mulher que ama”, visualizamos o trecho na perspectiva positiva de um amor que, equivocadamente e inquinado, se purifica e alcança a maturidade quando responde ao Amor.

O texto

³⁶Um fariseu convidou Jesus para comer com ele. Ele entrou na sua casa e se pôs à mesa. ³⁷E eis que uma mulher, uma pecadora daquela cidade, sabendo que ele se encontrava na casa do fariseu, veio com um vaso de óleo perfumado; ³⁸dirigiu-se diretamente a ele, prostrou-se a seus pés e começou a banhá-los com suas lágrimas e a enxugá-los com seus cabelos. Beijava-os e derramava sobre eles o óleo perfumado. ³⁹Vendo isso, o fariseu, que o havia convidado, disse consigo: “Se este fosse um profeta saberia quem é essa mulher que o toca, pois é uma pecadora”. ⁴⁰Jesus então lhe disse: “Simão, tenho uma coisa para dizer-te”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. ⁴¹“Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, o outro cinquenta. ⁴²Não tendo eles com que pagar, perdoou a dívida de ambos. Qual deles lhe será mais agradecido?” ⁴³Simão respondeu: “Suponho que aquele a quem mais foi perdoado”. Jesus lhe respondeu: “Julgaste bem”. ⁴⁴Depois, voltando-se para aquela mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Vim à tua casa e não me deste água para lavar os pés. Ela, ao contrário, lavou-me os pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. ⁴⁵Tu não deste o beijo. Ela, ao contrário, desde que estou aqui, não parou de me beijar os pés. ⁴⁶Tu não derramaste sobre minha cabeça o óleo perfumado; ela, ao contrário, derramou perfume sobre meus pés. ⁴⁷Por isso te digo: seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou. Aquele a quem se perdoa pouco, ama pouco”. ⁴⁸Depois disse a ela: “Teus pecados te estão perdoados”. ⁴⁹Então aqueles que estavam à mesa com ele começaram a murmurar: “Quem é este homem que ousa até perdoar os pecados?” ⁵⁰E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou; vai em paz!”

Contexto e dinâmica do trecho

O trecho coloca-se entre o juízo de Jesus sobre sua geração e a apresentação de algumas mulheres da comitiva de Jesus. Antes de se falar da incapacidade de seus contemporâneos em acolher a bondade do momento presente porque estão sempre prontos a desejar alguma coisa diferente. Não participam da alegria do baile nem do lamento do pranto, limitando-se a criticar e a estranhar seja a mensagem de Batista, seja a mensagem de Jesus. Essa atitude será continuada pelo fariseu que convida Jesus: acolhe-o como um estrangeiro e está a seu lado como um estranho. Não assim a mulher que se aproxima de Jesus com sentimentos de arrependimento e daí partirá com a fragrância do perdão. O encontro com Jesus purifica, muda, promove a nova vida. A continuação de nossa narrativa testemunha esta verdade: algumas mulheres libertadas dos males ou da cobiça estão a serviço de Jesus, inaugurando o discipulado feminino.

O episódio coloca em cena três personagens: o fariseu, Jesus e a mulher pecadora. No interior do episódio encontra-se uma parábola, cujos protagonistas são exatamente a contrafigura dos três personagens precedentes. O comparecimento dos comensais no fim (v. 49) vale como vozes fora do lugar para sublinhar a centralidade de Jesus, a figura-chave em volta da qual gira toda a narração. Analisando mais de perto o trecho, esse compõe-se da apresentação dos personagens, do diálogo de Jesus com o fariseu e da avaliação que Jesus faz da mulher.

Temos primeiro a apresentação dos personagens (vv. 36-38). Não se referem circunstâncias de lugar e de tempo e inicia-se logo apresentando os personagens pela ordem: fariseu, Jesus e a mulher. O fariseu é apresentado como aquele que convida e Jesus como convidado. A mulher não é convidada do fariseu, autoconvida-se para junto de Jesus e por ele é convidada a ir em paz. A ação da mulher é amplamente descrita porque Jesus quer ensinar em qual banquete se deve tomar parte, no banquete em

que se dá e se recebe misericórdia. Segue o diálogo entre Jesus e o fariseu (vv. 39-47). Esta parte, coração de toda a narrativa, revela o significado do gesto realizado pela mulher e é uma verdadeira prova de pedagogia. Inicia-se com um pensamento do fariseu que classifica a mulher e coloca fortes dúvidas sobre o valor de Jesus. Este aceita a provocação e começa a falar envolvendo o fariseu, interessa-o no diálogo e propõe-lhe uma parábola que termina com uma interrogação. O fariseu responde, obtém a aprovação de Jesus que conclui suas palavras, patenteando o sentido profundo da parábola. Finalmente ressoam as palavras de Jesus a respeito da mulher (vv. 48-50). É um monólogo quanto às palavras porque só Jesus fala. Ao mesmo tempo é um diálogo porque sobraram dois personagens: Jesus e a mulher. O fariseu desaparece e confirma assim uma velha regra: quem cospe veneno se autodestrói. Sobre ele o evangelista não se interessa mais, não vale a pena, é um tipo muito comum, muito mesquinho. Não faz história.

Esquemáticamente (dinâmica dos personagens):

<i>Fariseu</i>	<i>Mulher</i>
sentimento	gesto
(negativo)	(positivo)

Sobre eles *Jesus focaliza*:

palavra	sentimento
(negativa)	(positivo)

Esquemáticamente (dinâmica do ponto de vista da mulher):

1. Apresentação de Lucas considera:

- quem é (era): Pecadora;
- que coisa faz: chora, unge... (em relação ao passado e ao presente).

2. Fariseu considera:

— quem é: pecadora;

não considera:

— que coisa faz (em relação ao passado).

3. Jesus considera:

— que coisa faz;

— quem é (poderá ser ou será) (em relação ao presente ou ao futuro).

O problema da identificação

O anonimato não agrada. É como o negativo de uma fotografia que não permite distinguir os indivíduos ali representados. Por isso se quis tirar do anonimato a mulher desse trecho e dar-lhe uma fisionomia, a de Maria, irmã de Lázaro, ou a fisionomia de Maria de Magdala. As vacilações na interpretação testemunham a fragilidade dos argumentos adotados.

Descarta-se a identificação com Maria de Magdala porque esta comparece explicitamente poucos versículos mais adiante (cf. Lc 8,2-3) e é apresentada como personagem novo. De resto, os argumentos a favor da identificação são um tanto frágeis, querendo fazer equivaler a expulsão dos sete demônios de Maria com a existência pecaminosa da mulher que unge os pés de Jesus.

Qualquer probabilidade a mais poderia ser reservada à identificação com Maria, irmã de Lázaro. Lê-se em Jo 11,2: “Maria era aquela que havia derramado óleo perfumado no Senhor e havia enxugado seus pés com seus cabelos”. Isso poderia convalidar o relato de Lucas. Nota-se todavia que o episódio de João é apresentado com algumas divergências, também em Mateus e em Marcos (Mt 26,6-7; Mc 14,3-4). Mateus, Marcos e João concordam na interpretação profética do gesto realizado,

antecipação do sepultamento. Enquanto, porém, Mateus e Marcos falam de perfume derramado na cabeça de Jesus, João indica que perfumados foram os pés, enxugados depois com os cabelos. Somente em João a mulher recebe uma identificação segura: Maria, irmã de Lázaro.

Lucas concorda com João em que os pés é que foram perfumados e enxugados, acrescenta, porém, que a mulher chora a seus pés. Lucas, igualmente com Mateus e Marcos, deixa a mulher no anonimato. Destaca-se dos três outros evangelistas em colocar o episódio distante da Páscoa, ou ao menos sem referência direta a ela.

Sem poder dizer uma palavra definitiva, a conclusão mais aceitável é esta: trata-se de um caso semelhante, mas diferente do que é narrado pelos outros evangelistas. A mulher é deixada propositalmente no anonimato, por uma fina delicadeza de Lucas. Mais importante que seu nome é saber que uma mulher deixou para trás uma vida pecaminosa para encaminhar-se com gestos de reconhecido amor a uma vida nova.

Breve comentário

Jesus não é novo em polêmicas com os fariseus: escandaliza-os quando assegura o perdão dos pecados ao paralítico descido do telhado (cf. Lc 5,20); dá motivos de crítica quando aceita assentar-se à mesa com qualquer pessoa (cf. Lc 5,30-32); surpreende-os quando colhe espigas ou cura em dia de sábado (cf. Lc 6,2.7). A polêmica nasce de uma diferente visualização da verdade, unilateral e esclerosada dos fariseus, total e dinâmica em Jesus. Para lá da discussão, entendida por Jesus como serviço à verdade, ele não conserva ressentimentos, não tem preconceitos daqueles leigos superempenhados na religião, tanto é que aceita o convite à mesa de um deles. Com muita probabilidade são convidados também os discípulos, sempre na comitiva de

Jesus, embora o evangelista não os mencione, talvez para deixar o campo aberto para os três personagens: o fariseu, Jesus e a mulher.

O fariseu somente em seguida será identificado como Simão (vv. 43-44); por ora, para determiná-lo basta a sua pertença à classe dos fariseus — grupo de “puros”, de “separados” como atesta seu nome — seja o fato que pode permitir-se convidar Jesus e outros, os comensais do v. 49. Portanto deveria ser um fariseu abastado.

Nesse trecho Jesus não tem nem apresentação nem qualificativo: dele se diz simplesmente o acolhimento ao convite. Qualifica-se como um homem disponível ao encontro, ao diálogo e eventualmente à discussão.

O terceiro personagem da cena, uma mulher, atrai a atenção e precisamente sobre ela se acendem os refletores do interesse, fim do “eis” inicial, usado muitas vezes para introduzir um elemento de novidade ou de surpresa. A mulher vem de repente apresentada em luz negativa, é uma pecadora, qualificação genérica que vale para o termo mais específico de prostituta. Conhecida a mulher por aquilo que é, o leitor a conhece por aquilo que faz naquele momento. Tendo sabido da presença de Jesus, toma a iniciativa, dirige-se à casa do fariseu e ousa realizar gestos também estranhos e comprometedores, descritos em detalhes. Tomou um pequeno vaso com óleo perfumado, certamente de grande valor se conservado em vaso de alabastro (a tradução italiana “vasetto” traduz o grego “pequeno vaso de alabastro”). Ela colocou-se atrás de Jesus que, como todos os comensais, mais que assentado, estava estendido em divãs (cf. v. 36 “se pôs à mesa”, em grego “se deitou”), apoiado sobre um lado e com os pés fora do divã. Era portanto fácil para ela tocar os pés. Estes são objeto de tanta atenção que é natural a sequência dos verbos: lavados, enxugados, beijados e perfumados. O uso do imperfeito em grego exprime que aquelas ações se protraíam no tempo: ninguém intervém e todos deixam aconte-

cer, certamente surpresos com esta mulher acintosamente rica de originalidade e de fantasia.

Do fariseu hospedeiro vem a primeira, submissa, reação. Em vez de acolher o valor do gesto e a originalidade da ação, tanto mais surpreendente quanto se pensa que um mundo tendenciosamente machista, aferrava-se a um conceito: uma mulher de tal laia “contamina” aqueles a quem ela toca, tornando-o não idôneo para o encontro com Deus, precisamente como se ter contato com um cadáver ou com qualquer coisa podre. A não reação de Jesus vale para o fariseu como prova do não conhecimento de Jesus, que então não era ainda profeta tão apregoadado pela multidão. A lógica religiosa não parece admitir exceção.

Jesus não dirige logo a palavra à mulher e prefere dirigir-se primeiro a seu hospedeiro. E isso, não por simples dever de educação, mas para transmitir a todos a lição por que os outros devem ser considerados novos quando oferecem gestos novos.

Uma parábola contraditória?

Jesus pega um “gancho” no seu discurso, procurando ter um diálogo com seu hospedeiro. Na realidade trata-se de um monólogo, porque ao outro não resta senão aprovar, sem nada mudar e sem nada acrescentar.

Jesus parte de um pequeno quadro em que se perdoa as dívidas: um credor cancela o débito de dois devedores que lhe deviam respectivamente 50 e 500 denários, uma relação de 1 a 10. A pergunta: “Qual dos dois o amará mais?” não soa de todo pertinente ao leitor que distingue entre “reconhecimento” e “amor”. Contudo, é preciso saber que a língua hebraica não dispõe de um termo próprio que exprima o agradecimento e o reconhecimento e por isso confia ao termo, emotivamente rico, do “amor” a tarefa de exprimir este sentimento. A resposta che-

ga imediata e fácil: será mais reconhecido aquele que recebeu um perdão maior.

Só agora a mulher é chamada à cena por Jesus. O terreno está pronto para apontá-la como exemplo. Jesus relembra as ações por ela realizadas: lavar, enxugar, beijar, perfumar, colocando-as com o contraste dos pronomes: “Tu não..., ela ao contrário”. O fariseu não leva certamente o grave peso de uma culpa como a mulher. Nem por isso tem o direito de julgar e de condenar. Torna-se culpável de um pecado de omissão, do pecado de ter perdido a ocasião de considerar a mulher por aquilo que estava fazendo, em vez de se fixar no considerar aquilo que havia feito na sua vida passada. A culpa do fariseu está gravada naquela sentença: “Seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou. Ao contrário a quem se perdoa pouco, pouco se ama” (v. 47). A frase tem dificuldades. Na primeira parte parece inverter a lógica da parábola, alia-se de novo à lógica do episódio e segue a sucessão amor-perdão. A segunda parte parece contradizer a primeira e aliar-se de novo à lógica da parábola na sucessão perdão-amor. Cuidemos em considerar a coisa com mais atenção.

O trecho compõe-se de duas partes, um acontecimento (a mulher e Jesus) e uma parábola contada por Jesus, que aparentemente não parecem combinar bem. A parábola mostrara a seqüência perdão-reconhecimento, segundo a qual o reconhecimento ou amor seria diretamente proporcional ao perdão: maior é este, maior deve ser o reconhecimento. A esta lógica responde a segunda parte da frase de Jesus: “Aquele a quem se perdoa pouco, ama pouco”. Aqui o perdão precede o amor que se torna uma consequência. O episódio, ao invés, apresentara os termos invertidos: primeiro os gestos de amor da mulher e depois o perdão de Jesus, apresentado como consequência.

Que concluir? O perdão de Jesus é causa (parábola) ou consequência (episódio)? A parábola contradiz talvez a narrativa? A teoria de Jesus entra em choque com a práxis da mulher? O

texto, é preciso reconhecê-lo, mostra alguma dificuldade de compreensão. Na tentativa de torná-lo lógico, não faltaram propostas de harmonização com traduções um tanto bizarras: “São-lhe perdoados os muitos pecados porque amou muito”. O “porque” que deveria anteceder torna-se um “por isso” é que consegue. Ou se tentaram algumas integrações ao texto: “Se te declaro que os seus pecados tão numerosos lhe são perdoados, é porque demonstrou ela muito amor”. O texto, é preciso dizê-lo fortemente, resiste e rebela-se contra esse exagero.

Uma solução vem da consideração de nosso articulado relacionamento com a divindade. Jesus com suas palavras propõe de novo o contraste expresso na parábola e mais ainda na atitude da mulher. O perdão de Deus e o amor da criatura perseguem-se uma complexa articulação de relacionamentos que não é fácil definir: para amar a Deus é preciso ser perdoado (ou pelo menos possuir certa familiaridade com o divino, cf. Jo 6,44: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me mandou, não o atrair”), portanto o perdão precede o amor. De outro lado, é também verdade que gestos de amor favorecem ou “provocam” o perdão, assim que o amor precede o perdão. Vejamos o caso concreto.

Jesus e a mulher

Jesus dirige-se à mulher, dizendo-lhe: “São-te perdoados teus pecados” (v. 48). O perdão de Jesus chega depois que ela realizou gestos de amor em seus confrontos. Portanto primeiro há gestos de amor e depois o perdão. Porém perguntamos logo: “se essa mulher se aventuraria em um risco semelhante sem conhecer Jesus, sem saber de sua ternura com os pecadores, sem ter sentido a novidade trazida por sua pregação? Certamente não. Portanto é absolutamente verdadeiro que uma vaga idéia, se não propriamente de perdão, ao menos de acolhimento e de com-

preensão, precede os gestos de amor. Pode-se prová-lo recordando que no início está escrito: “Sabendo que ele se encontrava na casa do fariseu, veio...” (v. 37). Jesus não é para ela um desconhecido. A ele pode dirigir sua atenção porque ele não é como os outros homens. Esta mulher ama porque Jesus permite, favorece, preparou esse amor. É por isso que a mulher ousou tanto. Em seqüência ao amor da mulher, Jesus responde com um amor ainda maior, o perdão, que é a forma de amor própria de Deus. Daí a reação incrédula dos presentes: “Quem é este homem que ousa até perdoar os pecados?” (v. 49). Pode-se, portanto, resolver a aparente contradição da relação amor-perdão e perdão-amor afirmando que ambos são verdadeiros: a mulher recebe o perdão pleno depois de ter realizado gestos de amor e esses gestos são permitidos em virtude de um conhecimento ao menos complexo da bondade de Jesus.

No fim Jesus conclui: “A tua fé te salvou, vai em paz” (v. 50). A frase soa como que espaçada, arrancada de seu contexto habitual que é o do milagre. Todavia Lucas está contando um milagre, o mais belo milagre de Jesus, o milagre do amor. A narrativa só no fim encontra a palavra “fé”, enquanto no princípio usara o vocabulário do amor (vv. 42.47). O evangelista parece dizer: nos gestos de amor da mulher manifestou-se sua grande fé que arrancou de Jesus o milagre do perdão.

Por uma sociedade melhor...

Jesus não se dispõe com as prostitutas contra os fariseus, nem tampouco está do lado da desordem ou da paixão contra a ordem e a lei. Jesus fez compreender o que para ele é importante: a pessoa humana. Seja homem ou mulher, cada um recebe dele atenção e sua palavra. Vem ao encontro do fariseu acolhendo logo seu convite, e depois ajudando-o a entender a dimensão de Deus. Às mulheres consentiu agir e depois lhes falou. Jesus não

faz discriminações. No caso são as pessoas que com suas reações se discriminam diante dele. No momento em que Jesus fala à mulher, até o fariseu não é mais aquele de antes: perdeu suas seguranças, seus julgamentos caíram em pedaços diante do julgamento de Jesus. Para ser dos seus, não é preciso enclausurar-se no passado, mas deixar-se transportar do presente para o futuro, para a novidade, aquela que o Evangelho propõe na pessoa de Jesus.

A lição ultrapassa os confins históricos do acontecimento e chega até aos leitores de hoje. Com referência à atitude generosa de Jesus, o evangelista recorda aos cristãos de todos os tempos que não se podem permitir um regresso à soberba farisaica. O mal se vence não condenando as pessoas, muito menos isolando-as ou “guetizando-as”, mas iluminando o pecado e ajudando-as a abandonar a praia do vício para desembarcar na praia do bem. Importa fazer-se vizinho deles, encorajar, acolher e fazer refletir os sinais luminosos que transmitem. A mulher falou pelos gestos que realizou. Jesus entendeu seu eloqüente silêncio. Amor pede amor.

Do texto à vida

1. Posso dizer que a minha fé se concretiza em gestos de amor a Deus e ao próximo? Quais em particular?
2. Estou bloqueado por preconceitos sobre qualquer pessoa, tornando-me incapaz, como o fariseu, de colher os fermentos da novidade? Com quem vou querer repartir do zero como se não o conhecesse, oferecendo-lhe uma ocasião de reabilitação?
3. Tenho coragem para minhas idéias cristãs até em ambientes hostis ou neutros? De que exemplo me lembro? Hoje farei melhor? Que coisa?

4. Quando pratico a lei suprema do amor que é perdão, reabilitação, promoção? Quem se beneficiou recentemente com meu perdão? E eu de quem vou querê-lo?
5. Aumento a fileira dos fariseus comparando-me com os outros e me sentindo melhor? A respeito de quem alimentei e cultivei um senso de superioridade? Estou convencido de que tornando pública toda a verdade, poderei achar-me na segunda fila, talvez atrás daqueles que eu pensava ocupar a última fila?
6. No meu pecado, procuro encontrar-me com Jesus (sacramento da reconciliação), na certeza de que só ele pode dar-me de volta verdade e beleza à minha vida? Como vivo tal sacramento? É um encontro de perdão que me faz experimentar o amor? Muda-me para uma vida nova?

O SUCESSO DE UM “OUTSIDER”: LUCAS

Uma ficha do Terceiro Evangelho

Depois de ter lido e aprofundado alguns trechos do Evangelho de Lucas, criou-se uma sintonia com o autor, do qual foi seguramente apreciada a fineza literária e teológica. Poderia nascer o desejo de conhecer mais de perto seja sua pessoa, seja sua obra. Para satisfazer esta exigência apresentamos as seguintes notas, para conservarmos pouco mais que uma “ficha” que permita a aquisição de alguns dados essenciais.

O Terceiro Evangelho, ao lado dos outros, não leva nenhuma firma. Nem por isso é anônimo e todos sabem que o autor se chama Lucas. A mais antiga identificação encontra-se no cânon de Muratori, um documento que remonta à metade do século II: “O Terceiro Evangelho é segundo Lucas”. Os testemunhos são unânimes, porque encontram confirmação em autores do II e III séculos como Ireneu, Tertuliano, Orígenes, e totalmente universal, porque vêm das comunidades cristãs da Síria, de Roma, das Gálias (França), da África.

Dante habituou-nos a chamar Lucas *scriba mansuetudinis Christi*, isto é, o escritor da doçura de Cristo, porque fixou com o delicado perfume de sua arte aspectos inéditos da suavidade e